

CREPUSCULO

GAZETA LITTERARIA

PROPRIEDADE DE SABBAS COSTA

Desterro, 22 de Julho de 1889

ANNO III

Publicação semanal

Assig. por mez... 500 réis.

Pagamento adiantado

COLLABORADORES:—ED. Revocata de Mello, Rosa Valente, Cândida Fortes, Cândida Abreu, Julia Cavalcanti, Luiza Cavalcanti Guimarães, Ibrantina e Ubaldina de Oliveira Srs. Silvio Pellico, Carlos de Faria, Pedro Goudel, Timotheo Maia, José Prates, Alfredo Toledo, Dr. Messeder, Brígido Peixoto, Francisco Cardona, Salomé Pereira, Canarin Junior

NUMERO 30

Escrepto io d'rua de João Pinto n. 40

CREPUSCULO

LETRAS

III

Desterro, 22 Julho 89.

Como facilmente se deduz do que ficou dito, a apreciação pessoal nenhum valor pode ter, visto estar em completo antagonismo com as leis fundamentaes da critica.

As apreciações apaixonadas têm por alvo, sempre que não são louvaminheiras, a demoralisação do auctor do objecto criticado, e impedir que continue elle seus tentamens para que no futuro não seja uma—phenix,—uma notabilidade, collocando assim o critico o egoismo baixo, o amor proprio desregrado, a vaidade acima da Arte, que poderia encontrar no criticado um dos seus maiores cultores.

Sempre, porem, essas apreciações produzem effeito diverso do que espera o articulista parcial; porque os espiritos sadios, vendo agredidas acremente as pessoas, cujo trabalho está sujeito á critica, voltam-se todos para a victima, levados a isso pela solidariedade, que deve existir entre os homens e pelo altruismo.

E de feito o homem irrita-se contra a injustiça quer ella seja practicaada contra si quer seja contra outrem.

Alem das apreciações fundadas nos sentimentos pessoases, há ainda uma outra especie de pseudo-critica, muito trivial entre nossos escriptores.

Referimo-nos á critica, cujos falsos alicerces são os prejuizos da escola.

As apreciações de *parti pris*, que sem duvida constituem grande erro, comtudo jamais pode ser posta em parallelo com as apreciações louvaminheira e mordaz.

Os juizos proferidos sobre uma obra, baseados nesses prejuizos, porem á evidencia simplesmente o grande amor, o apego á escola a que se filiou o articulista, fazendo assim não poder annullar na personalidade.

A critica mordaz, porem, vem pôr á evidencia os sentimentos baixos do articulista, sendo, portanto, tal critica vedade aos espiritos rectos, que embora inteiramente se mordam pela inveja, pela rivalidade, com tudo não apresentam se ao publico com taes sentimentos, porque são ciosos de sua consideração na sociedade.

No artigo seguinte dissecaremos um specimen da critica mordaz, pseudo-critica essa que chegou-nos á mão, por intermedio de um nosso amigo, e o faremos, para que possamos mais facilmente alcançar a meta desejada, isto é, dar um golpe profundo nessa obsessão grosseira, que tem avassalado os espiritos baixos.

Continuaremos.

Gloria litteraria

A gloria litteraria é a nuvem deslumbrante que cobre o espirito do ente nacional. Como um mar sereno cujo desenrolar das ondas é mais suave que o desabrochar d'um lirio, qual subtil borboleta quando repousa beijando os estames d'uma flor—a gloria litteraria joga a cada instante ao espirito humano uma centelha de risonhas esperanças.

Ella é a mais seria, a mais sombria, a mais innocente das glorias. É a unica chama que penetra camadas e camadas de obstaculos, que fluctua á superficie d'um oceano de lagrimas, e não se apaga, ao contrario, se reduz a uma labareda que se levanta a mais elevada montanha de dissabores.

A gloria litteraria é para os seus adoradores um foco de luz, que lhes illumina as estradas da tranquillidade e do prazer, uma ordenança que os acompanha em todas os seus passos, sempre prompta a auxiliar aquelles contra quem a fortuna mostrar-se aversa!

É um anjo que amanhece e anoitece regando constantemente com flôres e sorrisos a alma do homem que a contempla, e caricioso, desce de quando em quando a beijar-lhe o espirito, e é então com a saliva produzida pelos seus beijos, que elle sobe correndo com grande presteza, a mais ingreme escada do desalento espiritual, e vai collocar-se no throno da... Felicidade.

ROSA VALENTE.

POBRE MÃE !...

(AO MEU VENERANDO AMIGO FRANCISCO JOSÉ DA COSTA)

Era ali pela pequena estrada que elle ia em todas as noites, depois da refeição, cantando alegremente, com saudades do traba-

lho, seroar em santo convivio de familia com a sua boa Rosinha, filha dilecta do velho professor Daniel de Oliveira.

A's vezes o astro da noite, como que querendo saudal-o, felicital-o pela infinita alegria que elle gosava, apparecia radiante estendendo por toda a campina um vastissimo lençol de luz, fazendo alvejar ali ao terminar a pequena estrada, a casa branca, ninho delicado da sua esperança, da sua gentil Rosinha.

E as brilhantes vidraças sorriam contentes aos beijos do luar!

Então o *Russo* não dava o signal da chegada de Paulo.

A's 9 horas, depois da igual despedida de todosos dias, depois dos costumados pedidos de volta, Paulo apertava mais uma vez a mão de Rosinha e os olhos ternos, immensos, que traduziam infinitos de promessas e de juras succediam-se um aos outros.

Os da familia acomodavam-se depois de pequena conversação sobre a proxima viagem ao norte que o capitalista Felisberto havia proposto a Paulo, emquanto este, pensando em sua amante, buscava a casa materna.

Tudo era lindo!

Entretanto, Paulo não aceitara as propostas do capitalista. Havia promettido á sua Rosinha unir se a ella em fins de Junho e a entrada do inverno não estava longe.

Mas...

Mas...

O capital de Felisberto com o que Daniel de Oliveira estava seriamente compromettido, venceu os escrupulos d'este.

— Filha! o Sr. Felisberto quer que tu sejas sua esposa, pediu-me tua mão e lh'a dei! Pobre Rosinha! Não teve um unico gesto de contrariedade! Era filha obediente; seu pai mandava...

Junho passára.

Paulo faltou alguns dias á officina. Seus companheiros admirados do seu procedimento foram a noite inqueril-o.

Encontraram-no lutando contra uma febre devoradora. Estava no leito.

Sua velha mãe, afflicta, quasi morta pela dor, velava o caro filho que delirava: —Rosinha! assim... neste beijo vae toda a minha vida, ouves? toda a minha vida!... amanhã... o sacerdote te pedirá o sim... e tu... oh! amanhã... tu... o que dirás?...

olha... ouve... mais um beijo... assim... é o ultimo. Não!... não quero... perjura!... ingrata! oh! perdoa Rosinha! perdoa... eu te amo como o-lirio á rosa, como o sangue á vida... como Deus aos anjos... sim... beijame... não, perjura!

O coração de seus amigos estava transformado em cadinho de dores. A pobre mãe de Paulo soffria mais do que a mãe de Deus. O enfermo ora ria, ora chorava. A dor fazia-o detestar Rosinha;—o amor fazia desejal-a! Uma luta tão enorme quão virtuosa travava-se no espirito abatido e forte de Paulo entre a esperança e a duvida, entre o affecto e o soffrimento, entre o digno e o ignobil. Estava prostradissimo.

O facultativo entrou calmo e triste. A infeliz mãe, com o olhar mais sublime que a Fé, esperava que brilhasse um atomo de esperança no rosto do homem da sciencia.

Este, depois de alguns minutos de escrutinio, abanou tristemente a cabeça e um gesto de duvida appareceu lhe dolorosamente mudo.

Todos comprehenderam-n'o.

A' tardinha do outro dia o sino da igreja proxima festejava um casal que se havia unido n'aquelle instante.

Alguns carros vagarosamente baixavam por um declive pittoresco. Em um d'elles, deslumbrante de riqueza e luxo, ia recostado o capitalista Felisberto e a seu lado Rosinha. Elle satisfeito e alegre como o sol em dia de Natal; ella—desgraçada como a violeta colhida antes de abrir!

Em baixo do declive, um grupo de pessoas trajando de preto rodeava um caixão funereo que havia sido descancado sobre umas pedras. Uma senhora chorava contemplando o busto do morto: era a dona do cadaver.

O cortejo do matrimonio passava bem junto ao grupo. Rosinha, involuntariamente, olhou para o interior do ataude. Sentiu gelar-se-lhe a alma e petrificar-se-lhe o coração. Fitou o cadaver.

E sorriu-lhe!... porque parecia ver Paulo, ali morto, sorrir-lhe tambem!

A dona do cadaver, a pobre mãe, procurou ver, entre os convivas que passavam, o Sr. Daniel de Oliveira. Viram-se.

Os olhares dos dois paes encontraram-se terrivelmente:—os do progenitor de Rosinha eram cobardes e duros como a consciencia de Judas, os da pobre mãe eram profundos como a Fé e penetrantes como a dor.

O sino, ainda ha pouco alegre, chorava agora tristemente.

Os companheiros de Paulo, conduzindo o seu cadaver, transpunham o pára-vento da igreja e lá ao longe o cortejo do matrimonio, formado por muitos carros, semelha um bando de corvos negros que fugiam espavoridos.

Desterro—89.

FRANCISCO CARDONA.

CASTRO ALVES

Eu fui, e serei sempre grandemente entusiasta daquelles em quem reconheço superioridade de intelligencia, altivez de sentimentos e convicção de idéas.

Para mim o homem de caracter variavel, cujas opiniões não se consolidam, antes, seguem sempre ao impulso de uma vontade alheia, não é mais que um acanhado e obscuro espirito, uma alma pequena, e servil, accessivel a um só sentimento,—o do egoismo. A este nada deve a sociedade; a patria o desconhece, e os homens guardam-lhe reserva e desconfiança.

Eis porque, repito, merece-me um devotado culto de admiração e a mais entranhada sympathia todo aquelle que sabe unir a um talento alevantado, uma convicção inabalavel, franca e abertamente exposta ao alcance das vistas de alliados e adversarios. Castro Alves, o sublime genio da poesia brasileira, era do numero destes; imaginação repleta de luz o coração repleto de nobresa e sentimento.

Abstenho-me porem de tratar aqui do grande merito poetico do illustre autor das *Espumas Fluctuantes*, a que prendo-me um fanatismo já por vezes demonstrado ao publico em alguns de meus humillissimos escriptos, visto que nestas linhas vio-se apenas a idéa de render-lhe homenagem pelo que de sublime e digno em alma e caracter, traduzi de seu poema *Os Escravos*, onde resalta o mais eloquente testemunho de amor patrio e de repulsão pelos torpes iniciadores do trafico infamante da raça negra, infelizmente protogido até nossos dias já inundados pela onda evolutiva das idéas civilisadoras.

E' bello e energico o angustioso brado com que o distincto poeta lembra-nos, ao mastro dos navios negreiros—vergonha nossa—fluctuava a bandeira nacional.

Diz elle:

«Auri-verde pendão da minha terra
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que á luz do sol encerra
As promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade apoz a guerra
Foste hasteado dos heroes na cança,
Antes te houvessem roto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!

Melhor demonstrado, mais sinceramente descripta a dôr e a indignação que lhe iam no peito desolado é impossivel.

Castro Alves era abolicionista de coração, não pertencia á turma dos abolicionistas sem merito, esses que arregimentaram se aos verdadeiros heroes da sagrada causa da liberdade por méro espirito de imitação, servindo-se dos poderosos protestos de Joaquim Nabuco, Patrocínio, Lacerda e outros, porem incapazes de fazer frente ao grupo adversario.

E' claro que o glorioso bahiano possuia apurados em extremo, caracter, coração e intelligencia; sua carta dirigida em Abril de 1871 ás senhoras bahianas, em favor desses mizeros pariás que imploravam redempção, documenta tudo quanto de grande se possa dizer em honra de seus brios de verdadeiro brasileiro e de homem convicto, esclarecido e sensivel.

BEVOCATA H. DE MELLO.

A ROZA ACTUALMENTE

Dantes, admirando-se em ti a graça natural da tua carminea formozura, eras, d'entre todas as flores, a preferivel para ornamentar um salão em dia festival de *soirée*, hoje, no entanto, humilham-te por formal, que não ha individuo nenhum desses tantos bobos despreziveis moralmente que vegetam por ahí, orgulhosos de elogios ocultos e enganadores, que sobre a lapela do paletot te não colloquem, fazendo-te participar, se bem que obrigadamente, do pedantismo irrisorio de suas *engraçadas* individualidades.

Lastimo a tua sorte, pobre roza!

Entretanto, o tempo vai passando, e tu, cuja formosura e perfume são admirados sinceramente pelo orbe inteiro, tu que tantas vezes tens repousado sobre bastos cabellos de donzella, alcançarão novamente o teu honroso posto, ao passo que esses individuos que hoje te insultam, cahirão mais tarde no insulto popular, conhecendo então, que todo o merito que possuíam, nada mais era do que uma ridicula *illuzão*.

O falso merito degenera-se em pedantismo; o nome porém, o verdadeiro é modesto e vive eternamente.

Assim, pobre roza de hoje, deixa correr o tempo, que a tua gloria passada se rejuvenecerá proxivamente.

P. GOUDEL.



CAMILLO C. BRANCO

As nações que se presam exalçam as suas glorias incontestadas. Imitemol-as. Demos ao outomno do grande escriptor algumas flores primaveraes.—*Thomaz Ribeiro*.

A realza do talento é aquella que, ainda neste seculo, pode ser reconhecida n'um plebiscito, independentemente. A prova está em como todos nós, tão divididos por todas as outras aspirações e idéas, reconhecemos hoje, unanimemente, a soberania de Camillo Castello Branco.—*José Barbosa Colen*, redactor das *Novidades*.

Saúdo, neste dia, um poderosissimo talento, que nem a doença, nem as contrariedades da vida tem podido abalar.

Camillo Castello Branco, que é dos primeiros entre os mais distinctos obreiros da civilização e das letras, merece, pela riqueza das suas faculdades e pela fecundidade do seu genio, a admiração e o culto de nacionaes e estrangeiros, porque todos devem inclinarse, reverentes, deante das individualidades poderosas que são ornamentos da sciencia e gloria da humanidade.—*José Dias Ferreira*

UM PASSEIO

A FRANCISCO CARDONA

A manhã era fria.
A curvidade alva do espaço dava ao dia um aspecto triste. As nuvens n'uma serenidade imensa guardavam a luz do sol, esse guia para nós tão glorioso!

A saltitar de galho em galho e de flor em flor, a borboleta abanava tão mansamente as leves azitas côr de ouro.

Em vê-la assim, a alma da gente mergulhava-se n'um sorvedoiro de alegrias ternas! O gorgueio gentil da passarada, em vão pelas florestas, achava-se sob um destlumbamento excellente.

Os laranjaes, sem fructos e sem flores, eram o unico lugar onde pousavam os sabiás e gaturamos.

Aquelles não cantavam e estes n'um contentamente infindo soltavam espaço áfora o trinado doce, o canto primoroso e jovial.

As creancinhas de labios côr de jambo e olhares expertos e gentis como violetas, passavam a sorrir e a cantar no caminho orvalhado.

Entretanto, as pequenitas andavam colhendo as rosas do cercado do visinho.

*

Encetei o passeio. Mais dois amigos que me estimam acompanharam-me.

Seguimos. O mar tranquillo, como se fosse um noivo orando ao tumulo da virgem, guardava um esverdeamento—escuro, que horrorisava a vista e que extasiava a alma!

O sol já de ha muito se accordára do leito do Levante. No entanto, elle medroso de reflectir luz pela terra, guardava a nas serenas camadas de nuvens!

Nem o sol brilhava, nem o mar tremia.... O nosso passeio foi uma esplendida viagem campestre.

Pelas estradas de barro pedregoso passavam de tamancos vermelhos aos torneados pés e chales de lã pela formosa cabeça, donzellas galantes, como qualquer princeza, e alegres como dourados colibris.

Ellas iam psalmodiando modinhas amorosas, mas tão suaves e tão bem cantadas que a musa palpitava de paixões, de amor, de ventura, de alegria, de gozos!...

E assim iamos passeiando... As pequenitas creanças, (coitadas pobres) tambem cantavam hymnos de amor, repassados de versos venturosos!

*

Depois de havermos galgado os caminhos do sitio, pedimos a um ancião de idade longa, respeitavel pai de familia, honrado empregado publico e pessoa de character sem mancha, um descanso, um logar no qual podessemos expillar as fadigas daviagem. Elle, o bom velho, ó alma piedosa, ó coração generoso, concedeo-nos a vontade.

Chamava-se Cypriano, o bom chefe da casa.

Ao entrarmos na vasta chacara, florida de rosas multicores, bem vestida de vejetaes uteis á lavoura, deparamos com um enorme edificio—era a moradia do bom cidadão.

Apoz esta, vimos um vasto engenho no qual estivemos horas perdidas contemplando o fabrico do assucar, meilado e farinha.

Dois bois, de pelle cabelluda molam a cana.

O bom velho não se fatigava de mostrar-nos os principaes productos do seu ramo de vida.

Tanta gentileza recebemos do honrado velho, que ficámos inda mais escravos do que aquelles que vieram de ganhar a liberdade!

Depois de demorada palestra relativa a assumptos importantes e cabidas ao bom ci-

dadão, retiramo nos joviaes como passaros que fogem da prisão.

*

E foi tal o passeio, tal as bondades que gozámos, que além de satisfeitos de mais ora pensavamos no respeitavel Sr. Cypriano, bom chefe de familia, bom ancião!

Quando chegámos á casa, inda o céu estava sereno apezar do oceano mudo, dos horisontes claros!

SABBAS COSTA.

Desterro—16—Julho—89.

PEROLAS DE OPHIR

SOFFRIMENTOS

Triste, bem triste e só, neste momento N'um martyrio fatal, negro e tremendo, Sinto o meu coração frio ir morrenendo Nas ancias de meu enorme soffrimento.

Deus, oh! meu Deus, que pavido tormento Está meu triste peito ora soffrendo, E já bem perto a sepultura vendo Não pode mais fugir ao desalento.

Sinto minh'alma fria é moribunda, Foge-me a vida n'este atroz soffrer, Martyrio infindo de uma dor profunda.

Não me importa que o peito meu succumba... De que serve esse lugubre viver. Se neste mundo só aspiro a tumba?

UBALDINA DE OLIVEIRA.

MOTE

*Se a fortuna me sorrisse,
O que sou, sempre seria.*

GLOSA

Cada qual o mais janota;
Todos cheios de meiguice
Oh! que portentosa frota
« Se a fortuna me sorrisse!! »

Dos vassallos do meu ouro
Como então eu zombaria!...
Pois na posse do thesouro
« O que sou, sempre seria »

CANDIDA ABREU (Pelotas).

PARTIDA

*Partiste!... e eu vejo deserto
o ninho azul do teu lar!...*

*Maria! debes por certo
chorar um pouco... chorar
ao veres o peito aberto
e a minh'alma ainda a te olhar!...*

*Para quem ama, a partida
é um contraste da Sorte:
é a vida dentro da Morte,
é a morte dentro da Vida!...*

CARLOS DE FARIA

Laguna—89.

PARTIDA

A JOÃO DOMINGOS DA CUNHA

O' tu partiste, meo amor partiste talvez p'ra sempre, p'ra não mais voltares e como eu soffro tão crueis pezares na tua ausencia amargurada e triste.

O' eu não posso resistir a tanto, já tenho a alma na tristeza e pranto, sem vida o coração desventuroso.

O' eu não posso, não, isso é incrível, viver sem ti, Maria, é impossível; morrer por ti, ó anjo, é ser ditoso!...

TIMOTHEO MATA

Desterro—89.

LAGRIMA

Cáe a gotta d'orvalho sobre a planta E depois... e depois... rola no chão! Assim o teu amor, — lagrima santa — Um dia me cahiu no coração.

Mas qual gotta d'orvalho que na planta Por um momento oscilla, e cáe no chão, A luz do teu amor, que eu cria santa, Foi procurar um outro coração!

Eça de Almeida.

Rosas e fructas

*Uma roza entre fructas, minha amada,
Um dia eu te offertei... tu que me escutas
Dize: porque esta bocca perfumada
Beijou a roza, sem comer as fructas!?*

*Uma outra vez eu fiz-te igual presente:
Roza entre fructas... Mas porque, formosa,
Essa bocca a se abrir avidamente
Comeu as fructas, sem beijar a roza?*

RAYMUNDO CORREA.

LIVRO DE NOTAS

FRANCISCO CARDONA

No dia 15 do corrente chegou de Pelotas a esta capital, o nosso prestativo correspondente, illustrado collaborador e cordial amigo, Sr. Francisco Cardona.

Redactor da *Revista Popular* eminente semanario dedicado ao util e ao bello, que se publicára em Pelotas, o nosso illustre amigo sempre soube manter-se firme na estrada luminosa das lettras e idéas livres.

Quem não conhece Francisco Cardona ao menos por tradição, ignora um nome precioso na vasta escadaria da luz!

O *Crepusculo* deve muitos obsequios a esse distincto cidadão.

Pois, Francisco Cardona, possuia um interesse extraordinario pelo nosso organo como se elle fosse de sua propriedade!

Durante a epoca da publicação da *Revista*, cuja suspensão sinceramente lamentamos, Francisco Cardona, sempre avido de sentimentos e paixões ardentes e arrebatadoras, representava-se ante seus collegas de um modo bastante agradável.

Nós até então o desconheciamos pessoalmente; no entanto já nos correspondiamos com aquella fidelidade propria de amizades de outros tempos.

Justamente quando não sonhamos a vinda do talentoso escriptor, eis que elle se nos apresenta, alegre e satisfeito para nos abraçar.

A vinda deste denodado amigo tem sido motivo de viva alegria, de interminavel extasis!

O amigo tem complimentado a diversos escriptores da cidade, como DD. Delminda Silveira e Rosa Valente; Silvio Pellico, Horacio Nunes, Wenceslau Bueno, Timotheo Maia, Alfredo Toledo, Pedro Goudel, Fernando Caldeira, Brigido Peixoto e aos honrados srs. Martinho Callado & Horn, dignos proprietarios do *Jornal do Commercio* e Geraldo Braga, sincero gerente do *Conservador*.

Francisco Cardona, pretende estar entre nós alguns dias, e esses para nos abraçar, e nós para o saudar com entusiasmo, para o brindar!

Sempre fomos verdadeiros e leaes admiradores de Francisco Cardona.

E não escreve ha muito tempo, o nosso bom amigo.

De 87 a esta parte é que elle tem estudado a litteratura e abraçado idéas uteis e inspiradas!

Francisco Cardona está hospedado na moradia do proprietario desta folha, á Praia de Fóra, onde poderá ser procurado.

Portanto, terminando esta breve noticia, porque o entusiasmo é nos tão ardente que nos rouba inspiração, saudamos, com gloria, com amizade, a Francisco Cardona, nosso intelligente companheiro de redacção.

E... abraços, e apertos de mão!

Octaviano de Mello

— Soubemos por pessoa de nossa afeição que fallecera no Rio Grande, o Sr. Octaviano de Mello, illustrado e sincero proprietario do *Arauto das Lettras*, folha puramente litteraria que havia suspenso sua publicação devido a enfermidade do pobre moço.

Octaviano de Mello já não existe na vida jornalística.—Pobre moço!

Contando 23 annos de idade, epoca que enflora a vida e maravilha a alma, o jovem jornalista baixou á cova, á moradia eterna da humanidade.

Octaviano de Mello era irmão da nossa apreciadissima e generosa collaboradora exma. sra. d. Revocata H. de Mello, moça de talento ardente e inspiração luminosa!

Deveras lamentamos a perda de Octaviano de Mello, desse genio bom e amplo, deveras choramos a fugida do moço da habitação phantastica das cousas para a habitação serena e tristissima dos mortos—o cemiterio.

E morto, o talentoso jovem não vibra mais a luz do ideal limpido, não pode expandir no *Arauto*, unica gloria que deixára, seus pensamentos vivos.

Pobre moço! pobre jovem!

Immensamente sentimentos dar tão consternadora quão lacrimosa noticia, tanto mais sendo Octaviano de Mello irmão d'uma das primeiras escriptoras, a luminosissima poetisa D. Revocata de Mello.

Nestas linhas deixamos votos de mais profundo pesar.

A nossa queridissima collaboradora enviamos mil sentimentos.

Canarin Junior

Partio para côrte no dia 18 do corrente o nosso muito apreciado e talentoso collaborador Canarin Junior.

Boa viagem. Muitas venturas.

Para Campos-Novos seguiu antes de hontem, o Sr. alferes Marques da Silva, moço de sentimentos nobres e nosso estimado assignante.

Muito boa viagem.

Acha-se entre nós vindo de Pelotas com o nosso bom e talentosissimo amigo Francisco Cardona, o Sr. João Domingos da Cunha que é um rapaz moreno e divertido, e gosta de charadas e logogriphos.

Comprimentamol-o.

Damasceno Vieira

No dia 3 do corrente chegou á Porto-Alegre, de Uruguayana, onde se achava em commissão o laureadissimo escriptor brasileiro Sr. João Damasceno Vieira, 1º escriptura alfandega daquella capital.

«Crepusculo»

No dia 8 do corrente foi distribuido o nosso n.º 28. O *Crepusculo* naquella dia foi lido seguramente por 800 pessoas!

Nós e a Imprensa

Ainda a nosso respeito a imprensa desta cidade tem fallado.

Assim é que o *Heliotropio*, bem redigida folha, nos honrou com a seguinte noticia:

«Reappareceu segunda-feira passada, o luminoso, agradável e sensato, organo litterario—*Crepusculo*—de que é proprietario e redactor o illustrado joven Sabbas Costa.

Em seu frontespicio alonga-se, como facha de luz, ou resplandecencia de estrellas, uns quantos nomes, caracteristicos—de individualidades distinctas, que collaboram naquella astro primordial do pequeno jornalismo litterario catharinense.

Agradecendo a visita do illustrado collega, almejamos lhe vida terminavel.»

O logogripho do numero passado teve os seguintes decifradores:

Em primeiro lugar—Sr. Horacio Nunes, em segundo—Exma. Sra. D. Delminda Silveira e em terceiro—João Domingos da Cunha.

As charadas publicadas no mesmo numero foram unicamente decifrados pelo Sr. João Domingos da Cunha.

A decifração do logogripho é *Crepusculo*, as soluções das charadas são: Alcina, Sabbas, Placida, Praxedes.

Ganhou pois, como premio o romance «Cezar que mata, e Pedro que mente,» o Sr. Horacio Nunes, e as scenas comicas, o Sr. Domingos da Cunha.

Bibliographia

Temas recebido os seguintes orgãos:—*O Norte de São Paulo*, folha de Guaratinguetá. E' bem escripta e está no anno IX.

O Farrapo—de Pelotas, tambem jornal bem escripto.

O *Heliotropio* desta cidade.

E' bom jornalsinho. Agradecemos

No dia 14 do corrente foi promovido a capitão, o tenente, Sr. Francisco B. Conceição, a quem respeitamos muito.

S. S. é pessoa de caracter fino e reputado. Saudando-o almejamos felicidades.

Charada

Na cruz se vê pregado—2

Buscando não existe—4

E' homem, te garanto.

Não sei já o viste.

COBRANÇA

Vamos de hoje em diante proceder a cobrança do mês.

Pedimos aos dignos assignantes prompta satisfação.